

“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

“At the other end” of Brazil: experiences based on the writings of Stuart Hall at the Amazon region

■ AGENOR SARRAF PACHECO *

Universidade Federal do Pará, Programas de Pós-Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia. Belém – PA, Brasil

MARIA ATAIDE MALCHER * *

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Belém – PA, Brasil

FERNANDA CHOCRON MIRANDA * * *

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre – RS, Brasil

RESUMO

Centrado no *pensamento fronteiriço* de Stuart Hall, este artigo problematiza a importância dos *estudos culturais* acerca das formas comunicacionais enquanto práticas socioculturais na Amazônia. Analisa sete dissertações de mestrado, que reafirmam a atualidade do intelectual jamaicano no norte do Brasil, deixando ver: a) os processos dinâmicos e multifacetados de construção de identidades; b) as formas de comunicação e os suportes tecnológicos que as diversificam e as disseminam. As reflexões estabelecidas nos trabalhos analisados evidenciam a contribuição do pensamento de Hall para o entendimento das práticas socioculturais na outra ponta do Brasil.

Palavras-chave: Stuart Hall, estudos culturais, comunicação, cultura, Amazônia

ABSTRACT

Focused on the Stuart Hall's *border thinking*, this article problematizes the importance of *culture studies* about the communication forms as socio-cultural practices at the Amazon region. It analyzes seven Master's dissertation that reassert the present situation of the Jamaican intellectual in Brazilian North region, showing thus: a) dynamic and multifaceted processes of the construction of identities; b) communication forms and technologies that diversify and disclose. The thought established in these analyzed works based the contribution of Hall's thought and socio-cultural practices at the other end of Brazil.

Keywords: Stuart Hall, cultural studies, communication, culture, Amazon

DOI: <http://dx.doi.org/10.11.606/issn.1982-8160.v10.i3p.89-104>

* Pós-Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA, 2016). Mestre e Doutor em História Social (PUC-SP, 2004/2009). Professor do Curso de Museologia e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: agenorsarraff@uol.com.br

** Mestra e Doutora em Ciências da Comunicação (USP, 2001/2005). Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, ambos da UFPA. Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom), certificado pelo CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4687-1840>. E-mail: ataidemalcher@uol.com.br

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Práticas Culturais e do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom), ambos certificado pelo CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1774-6402>. E-mail: nandachocron@gmail.com



“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

PONTO DE PARTIDA

[...] insistiria nesse *ponto de partida*. [...] Isto é, a mobilização máxima de todo conhecimento, pensamento, rigor crítico e teorização conceitual que alguém possa evocar transformada em um ato de reflexão crítica que não tem medo de dizer a verdade ao saber instituído e voltado para os mais importantes, delicados e invisíveis objetos: as formas e práticas culturais de uma sociedade – sua vida cultural. (Hall, 2005: 17)

Que áreas do conhecimento vêm buscando intercâmbio com os estudos culturais no mundo amazônico? De que maneira esse campo epistemológico tem contribuindo ou pode contribuir para analisar a diversidade de investigações emergentes em programas de pós-graduação existentes na região, especialmente nas áreas de humanidades? O que significa *pensar com Stuart Hall* essa região?¹ Ou por que ler Hall *desde as Amazôniaas*?²

Ao focalizarmos a complexidade de sujeitos, histórias, movimentações, conflitos e sociabilidades, é válido questionar: em que perspectiva os escritos desse pensador sem fronteiras pode ajudar a interpretar interações e relações cotidianas dos diferentes grupos sociais, especialmente populações tradicionais? Partindo de uma concepção ampla de comunicação que incorpora fazeres em comunhão, disputas e modos de ver e viver (Williams, 2011) – em outras palavras, comunicação como prática cultural –, indagamos: de que matrizes teóricas desse pensamento fronteiro poderemos nos apropriar para aprofundar compreensões sobre a área da comunicação e seu(s) objeto(s) de estudo – processos comunicacionais mediados ou não pela mídia em nossa realidade de atuação?

Nesse contexto, alguns questionamentos ainda são necessários, como quais seriam as singularidades dos processos comunicacionais amazônicos e de que forma as tecnologias digitais de comunicação são usadas e apropriadas nessa região? Em que medida os escritos de Hall ajudam a desmontar representações fixas e a-históricas da Amazônia, permitindo trazer à tona a diversidade de histórias e sujeitos em suas mais diversas experiências comunicacionais? As questões comunicacionais, por sua onipresença na vida social, se cruzam com questões geopolíticas, culturais, étnicas e econômicas, como nos ensina Hall (2003; Restrepo; Walsh; Vich, 2010b). Entendê-las e se posicionar sobre elas é fundamental para que a Amazônia se liberte da condição periférica a que esteve historicamente relegada.

Sem pretender responder a esse conjunto de indagações, mas interessados em refletir sobre a atualidade e inesgotabilidade das escrituras de Stuart Hall,

1. A inspiração da pergunta vem de Sovik (2011). Nas palavras da própria autora: “O intuito, ao apresentar uma interpretação da consistência teórica subjacente a esse trabalho é de elaborar critérios para pensar mais conscientemente com Stuart Hall, aproveitando o que nos pode mostrar, ensinar” (Sovik, 2011: 50-51).

2. A recriação se baseia em Restrepo, Walsh e Vich (2010a: 7), quando questionam: “¿Qué ofrece, sin embargo, el pensamiento de Stuart Hall a nuestra tradición académica latino-americana? ¿Por qué ler Hall desde América Latina?”. E também em publicação recente organizada por Albuquerque e Antonacci (2014).

neste texto, a partir de nossas experiências pessoais e profissionais, procuramos apresentar aspectos significativos da trajetória do intelectual, correlacionando-a com a potencialidade e a utilização das contribuições dos estudos culturais na produção de pesquisas na área de comunicação no Pará.

PELAS ESCRITURAS DE STUART HALL

Hall produziu escritos fundantes na dimensão sociológica, historiográfica, antropológica, comunicacional, educacional, literária, artística, entre outros, que problematizaram e modificaram modos de interpretar teorias³, práticas e relações, conflitantes ou negociadas, entre diversos grupos e agentes com poderes constituídos na realidade social⁴. Assim, ler Hall desde a América Latina se torna fundamental, pois ele construiu compreensões-chaves para a teoria social contemporânea, como a problematização do eurocentrismo, o debate das categorias de raça e etnicidade, o desenvolvimento de uma concepção materialista de cultura, entre outras (Restrepo; Walsh; Vich, 2010: 7-14).

Ao nascer no portal da “América Diáspórica” – o Caribe Jamaicano – e migrar em 1951 para estudar na Grã-Bretanha, fez-se “entre-lugar”, “enigma de chegadas sempre adiadas”, “estrangeiro familiar” (Hall, 2003: 415-416) para se colocar à escuta das “vozes do mundo” (Santos, 2009), com forte ênfase em complexos e ambíguos desdobramentos das histórias de milhares de africanos traficados e negociados em portos da África com destinos à Europa e às Américas. Não por acaso, “num primeiro momento, Hall se associou a jovens caribenhos que formaram a primeira geração de uma inteligência negra, anticolonial” (Sovik, 2003: 10), numa espécie de experiência de reencontro com “rastros/resíduos” de imprevisíveis vivências afetivas na diáspora (Glissant, 2005). Talvez por isso, conscientemente declarou:

Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço complementemente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diáspora, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. (Hall, 2003: 415)

O sociólogo negro⁵ “mais lido na Europa e na América Latina” (Sansone, 2014: 6), crítico de todas as epistemologias reducionistas que focalizaram suas leituras tão somente no econômico, textual ou cultural, Stuart Hall transformou sua humanista e politizada condição de vida na diáspora em uma poli-

3. A inspiração da pergunta vem de Sovik (2011). Nas palavras da própria autora: “O intuito, ao apresentar uma interpretação da consistência teórica subjacente a esse trabalho é de elaborar critérios para pensar mais conscientemente com Stuart Hall, aproveitando o que nos pode mostrar, ensinar” (Sovik, 2011: 50-51).

4. Apontamentos preliminares do pensamento de Stuart Hall aqui desenvolvidos, explorando especialmente as relações entre História e Antropologia na Amazônia para apreender zonas de contato entre índios e negros, foram apresentados em capítulo de livro (Pacheco; Corradi, 2016).

5. É preciso lembrar que muitos de nós brasileiros descobrimos a etnicidade de Hall somente depois da publicação de *Da diáspora* (2003). Antes disso, a representação de seu nome levava a crer-se tratar de um inglesista, no sentido tradicional do termo.



“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

fonia de lutas em defesa do *outro*, representado não apenas pelo negro, mas também pelas mulheres, e, acrescentaríamos, por indígenas, homossexuais e populações historicamente marginalizadas, discriminadas e vilipendiadas em suas culturas e direitos humanos. Em suas próprias palavras, Hall revela:

Sou um intelectual ativista no sentido de que eu sempre quis que meu trabalho intelectual marcasse uma diferença, registrasse e compartilhasse debates, fizesse contribuições para mudar uma conjuntura, mudasse as disposições dos interesses ou de forças políticas. (Hall, 2013: 212)

Fizemos questão de situar Hall brevemente como um intelectual preocupado não apenas com a reflexão, mas também com a transformação de realidades, pois essa postura de pesquisa se faz especialmente promissora e necessária para a região amazônica.

ESTUDOS CULTURAIS NA AMAZÔNIA: CULTURA É COMUNICAÇÃO

Os estudos culturais constituem um campo interdisciplinar [...] que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla [...] de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanista [...]. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias [...] rejeitam a equação exclusiva de alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. Os estudos culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. (Nelson; Treichler; Grossberg, 1995: 13)

Considerando o Plano Nacional de Pós-Graduação vigente no Brasil (Brasil, 2010), as assimetrias entre regiões são os principais desafios a serem vencidos. Para se ter uma ideia, em 1970 (Lopes, 2006) foi criado o primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação, enquanto *na outra ponta* do país foi só em 2008, quase quatro décadas depois, que essa região entrou no Sistema Nacional de Pós-Graduação na área de Comunicação, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM-UFAM). Em 2010, foi aprovado o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPA) e assim a região passou a contar com dois programas na área da comunicação, embora ainda estivessem

concentrados nos dois maiores centros urbanos amazônicos. Especificamente no Pará, no ano de 2009, há também a criação de um Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia (PPGCLC-UNAMA), na área interdisciplinar.

Esse contexto é extremamente importante para a discussão aqui apresentada. Se para o Sul e para o Sudeste do Brasil os esforços no âmbito da pós-graduação em comunicação acontecem há mais de quatro décadas – e ainda não são passíveis de mensurações completas, considerando todos os desdobramentos diretos e indiretos do processo de construção de conhecimento –, compreendemos que uma investida como essa para outras regiões, como o Norte, pode ser prematura. No entanto, não deixa de ser instigante verificar como o processo está acontecendo nesse começo de caminhada no Pará. Para torná-lo ainda mais desafiador, decidimos empreender esse exercício buscando perceber a contribuição de Hall para o entendimento da complexidade dos processos e dos agentes comunicacionais nessa parte da Amazônia.

Nessa perspectiva, nossa primeira intenção foi realizar uma cartografia das dissertações produzidas no âmbito do PPGCOM. Partimos do pressuposto de que o PPGCOM-UFPA ancora sua constituição na noção de indissociabilidade entre práticas comunicacionais e culturais. Diferentemente do que se pensou, ainda que sejam obras fundantes para essas discussões, autores como Stuart Hall e outros pensadores que atuam na perspectiva pós-colonial não são recorrentes nas dissertações defendidas no programa até o ano de 2013. Mesmo sabendo que essa não é uma realidade local, conforme analisa Lima (2015) acerca do “esquecimento de Hall nos estudos de mídia no Brasil”, no primeiro momento essa descoberta nos surpreendeu.

Entendemos que a investida se tornou ainda mais importante, já que para nós a contribuição de Hall na discussão que defende que comunicação é cultura se torna fundamental nessa parte do país. Percebemos então que deveríamos trilhar outro caminho para compreender as leituras, apropriações e/ou silêncios das escritas de Hall na construção de conhecimento na área da comunicação. Assim, reorientamos os passos da pesquisa e escolhemos outro tipo de aproximação. Buscamos alguns vestígios que pudessem indicar os caminhos trilhados, partindo então de nossa experiência como docentes nos dois mestrados no Pará (PPGCOM-UFPA e PPGCLC-UNAMA).

Como integrantes dos processos analisados – atuando como professores, orientadores e pesquisadores – redirecionamos o foco para 7 (sete) dissertações orientadas por nós, na tentativa de perceber como os ensinamentos de Hall se apresentavam nesses esforços de pesquisa. Se por um lado essa postura traz riscos, também permite uma forma de análise que “observa a questão de

fora, mas antes procura assumir a condição de participante do jogo, compartilhando dúvidas e inquietações” (Martino, 2014: 2).

Esses programas de pós-graduação nasceram com o objetivo de produzir conhecimentos capazes de desvendar singularidades dos processos comunicacionais locais em conexão com questões geo-históricas (Mignolo, 2003), locais, políticas, econômicas, etnicorraciais, e socioculturais constituintes dos modos de vida dos diferentes grupos sociais que habitam territórios rurais e urbanos do mundo amazônico. Por esse enredo, desde suas criações, uma das posturas epistemológicas que orientaram algumas investigações desenvolvidas no âmbito do PPGCLC e PPGCOM esteve ancorada em Stuart Hall.

O contato com intelectuais dos estudos culturais britânicos e latino-americanos foi decisivo em nossa trajetória de formação acadêmica, desaguando com maior força na atuação em cursos de pós-graduação na Amazônia Paraense. Ao nos formarmos entre as áreas de História e Comunicação em outros centros de pós-graduação no Brasil (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – História Social – e Universidade de São Paulo – Ciências da Comunicação), tivemos encontros e intensos diálogos intelectuais com os estudos culturais britânicos e latino-americanos. Análises, reflexões e posições do intelectual caribenho-britânico Stuart Hall acerca dos eixos temáticos identidade cultural, teoria da recepção em seus processos de codificação/decodificação, mediação, diáspora e cultura popular impulsionaram discussões, à luz dos modos de viver e de se comunicar das populações amazônicas no século XXI.

A partir de 2010, começamos, então, a formar alunos de pós-graduação em programas cuja base epistemológica articulava, de modo pós-disciplinar (Hall, 2013) – e, algumas vezes, contradisciplinar (Nelson; Treichler; Grosberg, 1995) – comunicação e cultura. Na Universidade da Amazônia, Agenor Sarraf Pacheco, no PPGCLC, modificou a matriz curricular da disciplina “Cultura e Representações do Contemporâneo”, tornando-a ambiente estruturante de formação dos docentes em estudos culturais e pensamento pós-colonial. Entre as dissertações orientadas ou coorientadas, destacamos:

- “No ar, na água e na terra: uma cartografia das identidades nas encantarias da amazônia nordestina (Capanema-PA)”, defendida por Jerônimo da Silva e Silva em 2011 (Silva, 2011);
- “No crepúsculo: memórias subversivas da ditadura civil-militar na Amazônia Paraense (1964-85)”, defendida por Jaime Cuéllar Velarde em 2012 (Velarde, 2012);
- “Entre Poéticas e batuques: trajetórias de Bruno de Menezes”, defendida por Marcos Valério Lima Reis em 2012 (Reis, 2012);

- “No palco da cultura marajoara: identidades e saberes em Mestre Damasceno”, defendida por Augusto César Miranda Nunes em 2013 (Nunes, 2013).

Todos esses trabalhos, fundamentados nos estudos culturais, seguiram desafios apontados por Hall acerca da leitura crítica, inclusiva e contextualizada da realidade social, problematizando convenções, tradições e valorizando interculturalidades e mediações nas escutas de sujeitos sociais pouco audíveis em narrativas oficiais. Silva (2011), por exemplo, reconstitui histórias de mulheres rezadeiras que migraram, na década de 1950, do Nordeste brasileiro e se fizeram moradoras da Amazônia Bragantina.⁶

Essas mulheres, exímias na arte de narrar e curar, portadoras da vocação xamânica e de uma rica bagagem cultural, oriunda de diálogos interculturais, teceram suas identidades à luz de experiências compartilhadas. Trata-se de trajetórias de mulheres que desenvolveram ofícios de cura em mediações com a cosmologia das encantarias e o catolicismo popular. No ato da rememoração, acionaram sabedorias de tradições orais para sanar doenças e criar códigos de proteção a favor dos habitantes de sua comunidade, que recorreram aos seus poderes mágicoterapêuticos. (Silva, 2011: 9)

Silva (2011), orientado pela teoria da identidade desenvolvida por Stuart Hall, compreende que a trajetória migrante das benzedeadas as forçou a negociar posições na sociedade hospedeira. A experiência as fez ficar “sujeitas ao contínuo ‘jogo’ da história, da cultura e do poder”. Nesses meandros, entendemos que “as identidades são os nomes que damos às diferentes formas como somos posicionados pelas narrativas do passado e como nos posicionamos dentro delas” (Hall, 2006a: 23).

O estudo da temática do golpe civil-militar na Amazônia (1964-85) fez Velarde (2012) se colocar à escuta de sujeitos culturais que viveram esses tempos de exceção no Pará, apropriando-se de reflexões fundamentais desenvolvidas por Hall (2003; 2006b). O pesquisador interagiu com e interpretou memórias de oito narradores dissidentes do regime que, ao desvelarem retalhos de suas experiências sociais interpretadas à luz do presente, deixaram ver complexas teias de sua formação identitária. Nesses meandros, afloraram sentimentos que Velarde (2012) se esforçou por apreender para além do texto verbal. Falas do corpo como constituidores dos imbricamentos comunicação e cultura, materializadas em gestos, risos, lamentos, choros e silêncios expuseram a perene dificuldade ainda hoje sentida pelos *sujeitos culturais* de encararem com tranquilidade traumas identitários de seus passados.

6. O termo “Amazônia Bragantina” é utilizado para pensar a correlação histórica e geopolítica dos municípios da chamada *microrregião bragantina* com as zonas de contato do mundo amazônico. Fazem parte desse lado específico e relacional da Amazônia os municípios de Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua.



“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

À perspectiva pessoal e profissional adotada por Velarde (2012) em seu cotidiano de vida, concatenam-se os ensinamentos do pensador jamaicano, quando firmemente defende: “Creio que ser intelectual hoje é dizer a verdade para o poder. É pensar as consequências do poder, aquilo que o poder não quer tratar, o que compõe o inconsciente do poder” (Hall, 2013: 209).

Reis (2012), participando de estudos e debates acerca dos estudos culturais, com destaque especial aos escritos de Stuart Hall, analisa a trajetória de vida do poeta negro paraense Bruno de Menezes (1893-1963), centrando-se no processo de criação de sua produção artística e nos intercâmbios políticos e poéticos, com destaque para a obra *Batuque*. Ao mergulhar no universo dos saberes, religiosidades e identidades amazônicas, explica um dos objetivos de seu percurso metodológico:

Intencionei recuperar o cotidiano do poeta, a vida familiar, o lugar de sua esposa em sua formação, produção e atuação, as experiências populares no bairro do Jurunas, em Belém, os círculos políticos e literários com os quais interagiu e as expressões da cultura africana em simbiose com a região amazônica. (Reis, 2012: 8)

O trabalho adotou pressupostos interpretativos dos estudos culturais, ocupando-se das relações literatura e história para surpreender experiências socioculturais de diferentes agentes em escalas desiguais de poder e hegemonia. Nesse sentido, Hall, em *Que “negro” é esse na cultura negra?*, clarifica que

a hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações culturais; trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele. (Hall, 2003: 339)

Para dar conta desse empreendimento, Reis (2012) procura desvendar sentidos das relações de força impostas pela classe dominante e como grupos populares as experimentam, contaminam-se e as contestam. Nos resultados, o texto aponta que a análise da escrita literária de Bruno de Menezes, centrando-se no conjunto de poemas da obra *Batuque*, quando articulado ao chão histórico e à relação criador e criação, faz-se arma contra os silêncios do reconhecimento e legado vivo de identidades, saberes e religiosidades afro-amazônicas.

Nesse enredo, insere-se a dissertação de Nunes, que interpreta a cultura como “palco de acontecimentos que envolvem modos de vida, saberes, ar-

tes, narrativas e crenças, constituintes de processos criativos e identitários” (Nunes, 2013: 9). Explorando diferentes recursos midiáticos, o pesquisador reconstitui a história de formação e experiência com a cultura popular desenvolvida por Mestre Damasceno Gregório, afroindígena de Salvaterra, município situado no lado oriental da Amazônia Marajoara.⁷

Interpretando observações, imagens e depoimentos orais em conexão com formulações teóricas dos estudos culturais e da antropologia social, a dissertação revela como experiências comungadas por agentes históricos de tradições orais afroindígenas interagiram e se confrontaram com processos de mudanças culturais vividas em Salvaterra contemporaneamente. Em outras palavras, foi no palco da cultura marajoara que a investigação centrou suas preocupações para analisar mudanças e ressignificações de saberes e fazeres produzidos por Mestre Damasceno como fundamentais para se acompanhar e entender o movimento sinuoso pelos quais vêm passando suas identidades. (Nunes, 2013: 9)

O texto de Nunes permite apostar que ele aprendeu com Stuart Hall que a cultura popular tem suas bases assentadas “em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo”, interconectada com “as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários comuns” (Hall, 2003: 340). Nesse sentido, ela é o território do “informal, o lado inferior, o grotesco”, organizando-se na contra-mão da “alta cultura ou cultura de elite e, é, portanto, um local de tradições alternativas” (Id., 2003: 340).

Em outra escala, ainda no texto de Nunes, a cultura popular, ao se constituir como produção dominante da cultura global, mercantiliza-se por meio da industrialização e das tecnologias dominantes. Assim, gerenciadas pelos “circuitos do poder e do capital”, a experiência popular se transforma em palco de “homogeneização em que os estereótipos e as fórmulas processam sem compaixão o material e as experiências que ela traz para dentro da sua rede” (Ibid.: 341).

Nesse território, “o controle sobre narrativas e representações passa para as mãos das burocracias culturais, estabelecidas às vezes até sem resistência. Ela está enraizada na experiência popular e, ao mesmo tempo, disponível para expropriação” (Ibid.: 340). Desse modo, o pensador jamaicano não abrandou a escrita: “a cultura popular negra é um espaço contraditório. É um local de contestação estratégica” (Hall, 2003: 340-341) e não pode ser explicada em confrontos binários.

No contexto desses investimentos acadêmicos e políticos, enquanto Agenor Sarraf Pacheco caminhou com os estudos culturais em suas primeiras ex-

7. A Amazônia Marajoara é conformada pelo *Marajó dos Campos*, formado pelos municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Chaves, Ponta de Pedras, e Muaná e o *Marajó das Florestas*, constituído pelos municípios de Afuá, Gurupá, Anajás, Breves, Melgaço, Portel, Bagre, Currallinho, e São Sebastião da Boa Vista. O uso dos termos “campos e florestas” ultrapassa a ideia da paisagem predominante nesses dois lados da região. Sua divisão é realizada em perspectiva geopolítica para marcar diferenças históricas e culturais na constituição dos dois lados da região, pois em termos físicos esses ambientes estão presentes em toda a Amazônia Marajoara.

periências de orientação na UNAMA, na UFPA Maria Ataíde Malcher vem problematizando, a partir de intelectuais dos estudos culturais, na disciplina “Teorias da Comunicação”, a relação entre comunicação e cultura na Amazônia em tempos de convergência midiática. Nesse trajeto, Hall, ao problematizar a relação cartesiana emissor-receptor, estimulou interpretações dos fazeres comunicacionais em sua complexidade material, política e simbólica.

Produzir a mensagem não é uma atividade tão transparente de comunicação como parece. A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear. (Hall, 2003: 354)

Por esse caminho, destacamos, no âmbito do PPGCOM, três dissertações orientadas pela professora Maria Ataíde Malcher, entre os anos de 2010 e 2014:

- “TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia”, defendida por Ronaldo de Oliveira Rodrigues em 2012 (Rodrigues, 2012);
- “Cartografia movente: uma postura de pesquisa em comunicação”, defendida por Fernanda Chocron Miranda em 2013 (Miranda, 2013);
- “*Balanço geral Pará*: modos de endereçamento e padrão tecno-estético”, defendida por Alinne Kellen Passos do Nascimento em 2014 (Nascimento, 2014).

Esses trabalhos, partindo de objetos e objetivos distintos, inter-relacionam-se em três aspectos presentes na episteme dos estudos culturais: a) os processos comunicacionais são gestados na confluência entre meios massivos, recepções e apropriações; b) a comunicação é uma prática cultural que articula diferentes vozes e interesses convergentes e divergentes geo-historicamente situados; c) os processos de recepção de mensagens e conteúdos se manifestam plurilineares, multirreferenciais e heterogêneos, podendo sofrer interdições e recriações, colocando em cheque a “leitura preferencial” (Hall, 2003: 366).

Rodrigues (2012) investigou o papel dos meios massivos e suas produções nos processos comunicacionais a partir da análise dos usos e apropriações dos conteúdos da TV aberta pelos moradores da comunidade São Pedro, em Breves, na região do Marajó, no Pará. A partir de estudo de recepção realizado, constituiu o *corpus* de análise, que reúne um conjunto de depoimentos dos moradores da comunidade, em que o registro foi feito ora explorando as *deixas simbólicas* a partir da observação etnográfica da comunicação, ora considerando técnicas como história oral ou grupo focal.

O pesquisador observou as apropriações realizadas por crianças, adolescentes e adultos acerca de programas televisivos para comparar e problematizar os resultados dessas distintas percepções. Ele constatou que a televisão assume importância religiosa em uma comunidade tradicional católica, mesmo considerando a forte presença de outras mediações comunicacionais. Diferente do pessimismo da Escola de Frankfurt, a telenovela, por exemplo, faz-se elemento comunicacional aglutinador da família, reforça sociabilidades e dinamiza o cotidiano dos moradores, incidindo na recepção de outros produtos midiáticos. A emergência de novas relações sociais mediadas pela televisão indica questões significativas para a compreensão do papel dos meios massivos nos processos de formação cultural e identitária na Amazônia.

Como aponta Hall, a relação codificação/decodificação se torna primordial para a compreensão da comunicação como um processo relacional, ultrapassando um modelo linear que não dá conta de analisar realidades tão complexas como as observadas por Rodrigues (2012) no Marajó. Assim, o que se percebe na constituição e nas relações cotidianas da comunidade analisada é o processo de negociação permanente das culturas locais com o conteúdo dos meios de comunicação, não sendo possível dissociá-los, pois se tornam, conjuntamente, as linhas que costuram as práticas comunicativas.

Se os escritos de Hall contribuem para questionar o poder hegemônico dos meios massivos na codificação/decodificação da mensagem, atentando para as brechas, contradições, contestações e negociações dos enunciados em circuitos europeus, Jesús Martín-Barbero (2001; 2004), herdeiro dessa linhagem dos estudos culturais, adensou os estudos de recepção desde a América Latina. Miranda (2013), ao partir do conceito de *cartografia movente*, resultado de diversas articulações traçadas nos caminhos e recaminhos que estabeleceu ao *mergulhar* na obra de Martín-Barbero, observou que a “cartografia que se move” se apresenta como postura de pesquisa-vida, em que o investigador se permite afetar pelo que estuda, revelando as diferentes faces de uma ciência diurna e noturna, a partir da qual se é pesquisador integralmente.

Assim como Hall, Martín-Barbero posiciona o papel de comprometimento e responsabilidade do pesquisador diante do objeto pesquisado e da realidade social como um todo. Essa postura de pesquisa se torna ainda mais fundamental, como indicamos anteriormente, em contextos tão complexos como o das realidades amazônicas, em que não é possível adotar apenas uma postura de dependência teórica, exigindo do pesquisador um trabalho ainda mais cuidadoso de tratamento e formulação teórica, como Hall propõe.

Assim, partindo de escritas históricas para visualizar situações-chave conungadas em cenários empíricos do estado do Pará, Miranda (2013) traz à



“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

tona intelectuais nativos e suas formulações para percebê-las como realidades comunicacionais, logo, socioculturais. Sob a ótica de autores da área da comunicação, interpreta essas formulações como força que dá liga ao social, conectando pessoas culturalmente. Como Hall, percebe que as dinâmicas comunicacionais tecem a cultura.

Já Nascimento (2014) investiga como o programa *Balanço Geral Pará*, exibido pela TV Record Belém, relaciona-se com o padrão tecno-estético da emissora e produtora, construindo dessa forma sua relação com o público paraense. Ao partir dos conceitos metodológicos de estrutura de sentimento, gênero televisivo e modos de endereçamento, esforça-se por compreender, por intermédio dos vínculos estabelecidos, o telejornalismo como instituição social dinâmica, ativa, geo-histórica, política e sociocultural. Centrada em memórias escritas e visuais do *Balanço Geral Pará*, esquadrinhou a trajetória da televisão em Belém, visualizando desequilíbrios diante do sistema audiovisual brasileiro e dos esforços da TV Record para inserir-se e se consolidar no mercado televisivo, utilizando o padrão tecno-estético na disputa pela audiência.

Os estudos culturais ganham lugar na fundamentação teórica de Nascimento quando a autora examina, além da utilização dos recursos técnicos da linguagem televisiva, as condições em que acontece o fazer jornalístico no contexto amazônico. Além de outros aspectos que a pesquisadora poderia considerar, como a fragilidade ou a assimetria de uma TV no Pará em relação a emissoras e produtoras nacionais, na contramão desse processo, o programa procura construir cotidianamente sua identidade amazônica, expressa na seleção musical, costumes, vocábulos e modos de ser paraense, estratégias na disputa por audiência na região – momento em que a pesquisadora se apropria das formulações de Hall para analisar as marcas locais em negociação com o padrão tecno-estético. Nessa dinâmica do local-global-local se estruturam as estratégias de liderança de um produto televisivo massivo.

Essas pesquisas desenvolvidas no PPGCOM, apesar de nem sempre adotarem formulações de Stuart Hall, seguem linhagens nas fronteiras daquilo que o pensador defende, especialmente quando analisa a presença e o papel da mídia em culturas locais. É possível visualizar essa assertiva em representações que jornal, rádio e televisão produzem de homens, mulheres e crianças que vivem na Amazônia. Nesse contexto, vale acompanhar escritos desse intelectual:

mas o que os estudos culturais me ajudaram a compreender é que a mídia participa na formação, na constituição das coisas que reflete. Não é que há um mundo

fora, “lá fora”, que existe livre dos discursos de representação. O que está “lá fora” é, parcialmente, constituído pela maneira como é representado. [...] O que precisava da nossa atenção era o que estava invisível, o que não se podia enquadrar, o que aparentemente era impossível de ser dito. (Hall, 2005: 20)

Somam-se aos desafios colocados pelas dissertações analisadas cartografar o cotidiano das culturas populares e das tradições orais em usos, relações de poder, (re)apropriações e (res)significações, igualmente não perdendo de vista os lances dos fenômenos comunicacionais na Amazônia a partir de tensionamentos experimentados em diálogos, divergências, convergências, proximidades e distanciamentos da máxima *comunicação é cultura*.

Para isso, leituras dos textos de Stuart Hall ampliaram olhares *na outra ponta* do Brasil, e ajudaram a apreender com humanismo, respeito e criticidade a pluriface da comunicação e da cultura na vida em uma região em que os processos de colonização europeu e norte-americano inscreveram e cicatrizaram profundamente paisagens, pessoas e relações. Nesse sentido, alertas de Hall acerca do palco da história como conformado por uma guerra cultural inconclusa se tornaram esclarecedores:

Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (Hall, 2003: 255)

Diante do exposto, a diversidade dos trabalhos apresentados e analisados, desenvolvida no âmbito dos dois programas de pós-graduação, focaliza duas grandes chaves de leitura que se apropriam das elaborações discursivas de Stuart Hall para esgarçar entendimentos mais amplos da vida no Norte do Brasil: a) os processos dinâmicos e multifacetados de construção de identidades se sintonizam com pessoas e lugares nas condições geo-históricas, socioculturais e simbólicas em que vivem; b) as formas de comunicação e os suportes tecnológicos que as diversificam e as disseminam são tessituras culturais em redes de disputas, dominações, negociações e ressignificações. Nesses quadros, as experiências vividas por diferentes agentes históricos em ambientes comunicacionais amazônicos, captadas nas escritas dos trabalhos dissertativos, visibilizam a importância e atualidade do pensamento de Hall para o entendimento contextualizado e político das práticas socioculturais na região. ■

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. R. de; ANTONACCI, M. A. (Orgs.). *Desde as Amazônias: Colóquios* (volume I-II). Rio Branco: Nepan, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPg 2011-2020: coordenação de pessoal de nível superior*. Brasília, DF: Capes, 2010.
- GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- HALL, S. Entrevista com Stuart Hall – de Heloísa Buarque de Hollanda e Liv Sovik. *Muiraquitã*, Rio Branco, v. 2, n. 1, p. 203-214, 2013.
- _____. Identidade cultura e diáspora. *Comunicação & Cultura: A cor dos media*, Lisboa, v. 1, p. 21-35, 2006a.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b.
- _____. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. *Projeto História*, São Paulo, v. 31, p. 15-24, 2005.
- _____. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardiã Resende et. al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 231-247.
- LIMA, V. A. de. Stuart Hall (1932-2014): um esquecido nos estudos de mídia no Brasil. *Jornal de Debates*, edição 837, 10 de fev. 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed837_um_esquecido_nos_estudos_de_midia_no_brasil/>. Acesso em: 21 dez. 2015.
- LOPES, M. I. V. de. O campo da comunicação sua constituição, desafios e dilemas. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 30, p. 16-30, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura*. Tradução de Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MARTINO, L. M. S. Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da COMPÓS. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. *Anais...* Belém: COMPÓS, 2014.
- MIGNOLO, W. D. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MIRANDA, F. C. *Cartografia movente: uma postura de pesquisa em comunicação*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Pro-

- grama de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- NASCIMENTO, A. K. P. do. *Balanço Geral Pará: modos de endereçamento e padrão tecno-estético*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- NELSON, C.; TREICHLER, P.; GROSSBERG, L. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 7-38.
- NUNES, A. C. M. *No palco da cultura marajoara: identidades e saberes em Mestre Damasceno*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2013.
- PACHECO, A. S.; CORRADI, A. História em Mundos Cruzados: afroindigenismo pelos circuitos marajoaras. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, p. 185-214, 2016.
- REIS, M. V. L. *Entre poéticas e batuques: trajetórias de Bruno de Menezes*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2012.
- RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. Introducción: práctica crítica y vocación política: pertinência de Stuart Hall em los estudios culturales latino-americanos. In: _____. *Sin garantias: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Stuart Hall. Bogotá: Envió; Instituto de Estudios Sociales y Culturales; Lima: Instituto de Estudios Peruanos; Quito: Universidade Andina Simón Bolívar, 2010a. p. 7-14.
- RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (Orgs.). *Sin garantias: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Stuart Hall. Bogotá: Envió; Instituto de Estudios Sociales y Culturales; Lima: Instituto de Estudios Peruanos; Quito: Universidade Andina Simón Bolívar, 2010b.
- RODRIGUES, R. de O. *TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- SANTOS, B. de S. (Org.). *As vozes do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SANSONE, L. Parta Stuart Hall. *Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas*, v. 8, p. 2-12, 2014.



“Na outra ponta” do Brasil: experiências com escritos de Stuart Hall na Amazônia

- SILVA, J. da S. *No ar, na água e na terra: uma cartografia das identidades nas encantarias da Amazônia Nordeste (Capanema-PA)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011.
- SOVIK, L. Pensando com Stuart Hall. In: GOMES, I. M. M.; JANOTTI Jr., J. (Orgs.). *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: Edufba, 2011. p. 49-62.
- _____. Apresentação: para ler Stuart Hall. In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 9-22.
- VELARDE, J. C. *No crepúsculo: memórias subversivas da ditadura civil-militar na Amazônia Paraense (1964-85)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2012.
- WILLIAMS, R. *Televisión: tecnologia e forma cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

Artigo recebido em 24 de março de 2015 e aprovado em 3 de junho de 2016.